



Agroecologia e Cidadania: da teoria à prática *Agroecology and Citizenship: from theory to practice*

MACHADO, Edivandro Ferreira¹

¹ Universidade Federal Rural da Amazônia, edivandro22ferreira@gmail.com

Eixo temático: Construção do conhecimento agroecológico e dinâmicas comunitárias

Resumo: A Escola de Formação para Jovens Agricultores de Comunidades Rurais Amazônicas (ECRAMA), vem promovendo o curso de Agroecologia e Cidadania, desde 2016. Ela seleciona jovens e adultos, homens e mulheres, objetivando a educação continuada para a vida e trabalho no campo, em diferentes níveis de formação e inter-relação entre escola, comunidade e sociedade. Aqui relatar-se-á a experiência vivida no primeiro módulo do curso de Agroecologia e Cidadania, que aconteceu entre os dias 18 a 23 de março de 2019. Neste primeiro módulo, pôde-se conhecer sobre a introdução a agroecologia e cidadania, dimensões técnico-produtiva e agricultura familiar.

Palavras-Chave: educação no campo; sustentabilidade; comunidade tradicional.

Keywords: education in the field; sustainability; traditional community

Contexto

A Escola de Formação para Jovens Agricultores de Comunidades Rurais Amazônicas (ECRAMA), localizada na 11ª travessa da Colônia Montenegro, rodovia Dom Eliseu, zona rural, município de Bragança - Pará e distante a 13 km do município de Santa Luzia do Pará, vem promovendo, desde 2016, o curso de Agroecologia e Cidadania, que no ano de 2019, está em sua quarta edição. Para tal curso, selecionam-se jovens e adultos, homens e mulheres, objetivando a educação continuada para a vida e trabalho no campo, em diferentes níveis de formação e inter-relação entre escola, comunidade e sociedade.

Consequente, todas as pessoas admitidas no curso em questão possuem algum vínculo com a agricultura familiar, haja vista que a maioria é moradora de comunidade rural e desenvolve atividades de cunho agroecológico, mesmo sem saber, visando a alimentação familiar e complementação de renda.

Trata-se de uma grande diversidade de pessoas advindas de diferentes comunidades e de diversificados municípios do Nordeste Paraense. São pessoas que promovem a agricultura familiar e que resolveram participar do curso Agroecologia e Cidadania visando buscar novos conhecimentos e aprendizados sobre a agroecologia e suas múltiplas práticas agroecológicas, para aplicá-las, posteriormente, em suas atividades de produção, comercialização e para compartilhá-las com a sociedade.



Por sua vez, aqui relatar-se-á a experiência vivida no primeiro módulo do curso de Agroecologia e Cidadania, que aconteceu entre os dias 18 a 23 de março de 2019. Neste primeiro módulo, pôde-se conhecer sobre a introdução a agroecologia e cidadania, dimensões técnico-produtiva e agricultura familiar.

Descrição da Experiência

Na agroecologia não se pode pensar de forma mecanizada, reducionista e fragmentada. No entanto, se faz necessário vê-la em sua completude e complexidade, como alternativa justa, eficiente e concreta à indústria química e expansão do agronegócio. Para tanto, saber trabalhar em grupo torna-se fundamental e necessário. Neste contexto, um dos primeiros aprendizados que foi internalizado diz respeito ao trabalho em grupo, respeitando as limitações de cada um. Assim, os educandos dividiram-se em grupos para realizar a limpeza na sala de aula, outra equipe coletava as frutas, verduras, tubérculos e raízes, outro grupo servia a alimentação e o outro, cuidava das plantas, fazendo mudas, regando e/ou podando. Também, a cada noite um grupo era responsável pela música, pela animação.

Teve-se aulas teóricas ministradas ao longo da semana para que os educandos conhecessem previamente os conceitos e abordagens da Agroecologia enquanto prática, ciência e movimento. Concomitantemente teve-se, também, aulas práticas por meio das quais foi possível ver e fazer atividades de cunho agroecológico, visando o bem-estar social e ambiental.

Uma das práticas desenvolvidas no 1º módulo ambicionou ensinar os educandos a manejar biomassa. Como a maioria destes ainda derruba e queima partes da flora, visando construir as roças para cultivar certas culturas (mandioca, feijão, milho, por exemplo), com o tempo o solo fica empobrecido, acarretando numa baixa produção. Em vista disso, o objetivo foi incentivar o uso de espécies florísticas locais, visando a adubação e cobertura do solo, para restabelecer a vida, por meio do manejo da biomassa.

Neste sentido, uma área foi limpa, o que consistiu na retirada da vegetação ali presente, pois ela não contribuía para a nutrição do solo. Foi limpa, também para demonstrar como o solo fica exposto, pobre e suscetível, sem a cobertura vegetal. Posteriormente, buscaram-se espécies florísticas locais que pudessem disponibilizar mais nutrientes para o solo, a exemplo do ingazeiro, do margaridão e da malva, tornando-o mais rico. Após a identificação dessas espécies, os educandos foram orientados a coletá-las e distribuí-las uniformemente sobre a área outrora limpa (Figura 01).

Com o passar dos dias, tanto as folhas ali presentes, quando os troncos de menor circunferência, foram murchando e ficando secos, pois o processo de decomposição ocorre e muitos nutrientes acabam, por consequência, sendo disponibilizados ao solo e, claro, à cultura que se pretende cultivar. Assim, o solo volta a ter vida, fica rico em nutrientes e protegido. No 1º módulo, não se plantou nada nesta área, mas



os participantes puderam aprender, na prática, como manejar biomassa, recuperar o solo e enriquecê-lo.

Por sua vez, outra prática consistiu em criar uma pilha de compostagem, para que os alunos vissem que é possível criar adubos orgânicos com materiais e resíduos vegetais locais. Para tanto, primeiro escolheu-se um local adequando, depois os educandos coletaram diversificados materiais, para fazer a pilha de compostagem. Com isso, primeiramente coletou-se folhas de bananeira, que passaram a formar a primeira camada. Depois, adicionou-se a cama aviária, casca de coco e caules de bananeira bem triturados. As próximas camadas foram compostas por caroços de açaí e mais cama aviária. Posteriormente, coletaram-se e adicionaram-se palhas de milho, margaridão, que possui alta incorporação de fósforo; mucuna, que é rica em nitrogênio e malva, que tem raízes profundas e, por isso, consegue capturar minerais em horizontes mais profundos do solo. Novamente adicionaram-se casca de coco e caule de bananeira triturado, caroços de açaí e serragem de ipê e gergelim. Para uma barreira de proteção da pilha de compostagem contra a incidência direta dos raios solares ou da ação da chuva, fez-se uma camada protetora com folhas do coqueiro, evitando-se o encharcamento e/ou rápida evaporação (Figura 02). Consequente, destaca-se que algumas camadas foram molhadas, exatamente para não ficarem secas de mais, uma vez que no meio de tantas camadas há uma gama de microrganismos decompositores, que sem água, não sobreviriam por muitos dias e eles são importantes, haja vista sua ação em decompor todos os materiais empilhados.



Figura 01. Manejo de biomassa

Figura 02. Pilha de compostagem

Resultados



O presente relato clarifica a ação ativa da ECRAMA que se empenha para que haja a construção do conhecimento agroecológico e ela o compartilha com a sociedade local, visando propagá-lo cada vez mais. A ECRAMA promoveu experiências incríveis neste 1º módulo por meio da promulgação de uma convivência cordial, proativa e interativa e por meio de ensinamentos e aprendizados somadores, que a todos engrandeceu enquanto seres humanos, despertando em alguns uma consciência socioambiental, holística e sistêmica e em outros, só a concretizou ainda mais, visando sempre o bem-estar social e ambiental. Neste contexto, uma das primeiras lições ensinadas e internalizadas, na primeira semana do curso, foi exatamente saber trabalhar em grupo visando sempre alcançar objetivos maiores, onde todos fossem beneficiados no final, incluindo o meio ambiente.

A prática de manejo de biomassa trouxe aos participantes aprendizados, descobertas e experiências novas. Pôde-se aprender como manejar certos vegetais da flora local e como utilizá-los para recuperar solos degradados; como tornar o solo mais nutritivo e, com isso, aumentar a produção das culturas desejadas e usadas, majoritariamente, no autoconsumo. Da mesma maneira, ocorreu na prática de elaboração da pilha de compostagem. Aqui, pôde-se aprender a fazer uso de restos de alimentos, de folhas em decomposição (e não somente), caroços de frutas, dentre muitos outros constituintes vegetais, encontrados com facilidade na região de cada educando.

Essas duas práticas foram importantes para que os participantes do 1º módulo do curso Agroecologia e Cidadania aprendessem sobre alternativas simples, sem custos e importantes para a manutenção e recuperação do meio ambiente. Práticas estas que se mostram como alternativas ao grande sistema capitalista dominante e opressor. São alternativas viáveis ao uso de adubos químicos, são soluções ambientalmente mais corretas e justas que valorizam o saber local e o agricultor familiar. Por fim, todos os ensinamentos e aprendizados repassados foram internalizados, com o intuito de serem aplicados e compartilhados posteriormente.